

Daniele Comboni e “a criança raptada pelo Papa”

Marco Bellocchio, o realizador italiano de 80 anos (entre outros filmes, *Il Traditore*, 2019), numa recente entrevista ao jornal *La Repubblica* (1), revela que fará um filme "sobre a criança judia raptada pelo Papa", filmando um projecto, primeiro elaborado e depois abandonado, pelo realizador americano Steven A. Spielberg. Esta aventura histórica tem interessado vários escritores ("*Prisioneiro do Papa Rei*", de David Kertzer; "*Eu, a criança judia raptada por Pio IX*", de Vittorio Messori, 2005). Bellocchio não quer fazer uma adaptação destas obras, mas sim uma sua "reconstrução histórica" baseada em fontes.

Relação Cristianismo-Hebraísmo

A criança no meio desta história chama-se Edgardo Mortara e é o filho de pais judeus. O pai é sapateiro e a família vive em Bolonha. Em 1858, Pio IX decretou o seu "rapto", isto é, que a criança fosse retirada à família, a 24 de Junho desse ano, com o fundamento de que tinha sido secretamente baptizada, por uma criada, devido a uma doença que o tinha colocado em perigo de vida.

A criança cresceu como cristã católica e viveu uma longa vida. Edgardo viveu cristão, até à idade de 90 anos. O filme - antecipa o realizador - "não poderá seguir toda a vida de Mortara" mas começará pelo seu rapto e terminará com a tomada de Porta Pia ou a morte da sua mãe, que ele tentou converter, mas ela disse: "Nasci e morrerei como judeu".

Uma reconstrução histórica, portanto, que - assim nas intenções do director - irá expor e confrontar "a violência do fanatismo religioso, a ideia de que em nome de uma fé tudo pode ser feito," com a abertura da sociedade moderna, que rejeita este fanatismo; a afirmação do poder temporal do Papa e o seu fim anunciado (com a tomada da Porta Pia); a actitude mental retrógrada de Pio IX, que "usa o pequeno como baluarte contra os liberais" e as exigências da modernidade e do progresso.

Uma "reconstrução histórica" feita com base em critérios históricos..., mas também em critérios e valores actuais, e que pode silenciar, ou subestimar, alguns elementos, igualmente históricos e interessantes, tais como a atenção que o papado da época deu a estas situações e o investimento que fez na educação e preparação para a vida social e cultural, bem como eclesial, de pessoas de outras origens religiosas e culturais. Sublinhamos este aspecto não para julgar o realizador com base nas suas possíveis intenções, e antes que o seu trabalho esteja concluído, mas para ligar a história à pessoa de Daniele Comboni e dar razão ao nosso título: *Daniele Comboni e “a criança raptada pelo Papa”*.

Relação Cristianismo-Religiões e Povos

Daniele Comboni é um expoente, de primeiríssimo plano, do movimento missionário italiano do século XIX, como fundador de institutos missionários (2) e protagonista de uma iniciativa missionária para levar o Evangelho e o seu poder de transformação social e cultural ao centro de África.

Os historiadores da Igreja são unânimes em afirmar que o movimento missionário encarnou a abertura mais significativa da Igreja no século XIX (3). Não foi uma fuga para a frente, mas um verdadeiro "ir para as periferias", um "experimentar o dinamismo de uma Igreja em saída", para usar as palavras do Papa Francisco (4). Os fundadores

missionários - e aqueles que os seguiram na aventura de ir mais longe e procurar uma nova relação com os povos, as suas culturas e religiões - recusaram-se a permanecer prisioneiros das tensões da Igreja do seu tempo e espaço geográfico (especialmente da Europa Central) e lançaram-se em iniciativas missionárias inovadoras. No seu amor e adesão à Igreja, sentiram que os tempos estavam a mudar, mas os novos caminhos para a nova saída eclesial não eram conhecidos, tiveram de os inventar e de lhes dar concreta histórica.

Esta é a situação de Daniele Comboni (1831-1881). De regresso de uma viagem a África, que quase lhe custou a vida, de 1859 a 1864 viveu anos de expectativa, em busca de um novo modelo para o encontro da fé cristã com os povos e as suas culturas e religiões. Em Setembro de 1864 concebeu um "Plano para a Regeneração de África", que previa o empoderamento dos africanos, tornando-os protagonistas da sua transformação social, através do poder do Evangelho e da educação cívica. Convencido deste ponto de viragem na acção da Igreja e do seu encontro com os povos, dedicou-se a esta regeneração da África central até à sua morte, com apenas 50 anos de idade, na capital do Sudão, Cartum (5).

Do antigo para o novo

Esta breve apresentação da figura de Daniele Comboni permite-nos compreender a sua avaliação da história da criança judia raptada pelo Papa Pio IX, com quem Comboni se encontrou pessoalmente, explicando também a memória que guardava dele.

No ano em que conheceu Edgardo, 1864, Daniele Comboni viveu a sua *páscoa*, a passagem do velho para o novo, com o seu Plano para a Regeneração da África. Era ainda membro do Instituto Mazza em Verona e, como tal, encarregado de encontrar alojamento para os jovens africanos que eram educados na Europa e de os seguir, de acordo com a visão educativa do Mazza, para serem depois "enviados" como profissionais leigos, sujeitos e protagonistas do renascimento africano.

Daniele Comboni, no seu Plano para a Regeneração da África, planeia abandonar este modelo e opta por preparar os africanos em África, em alguns centros das zonas costeiras onde os europeus não sucumbam e os africanos não percam a sua identidade. Mas, até que o caminho do novo se abra, como pode ele não apreciar as aberturas que estão a ser feitas em Roma e noutros lugares, o que Pio IX (1846-1878) primeiro e depois Leão XIII (1878-1903) fizeram para acolher jovens africanos e outros da religião islâmica e garantir-lhes a necessária formação humana e cristã?!

Comboni conheceu Edgardo, quando ele tinha dez anos, no Hospício dos Catecúmenos, onde Bescir Paolo um jovem turco (com outro jovem de Damasco), convertido do islamismo, também tinha sido educado. Bescir foi enviado a Roma por Comboni para a educação cristã e depois regressou a Cartum, como o missionário recorda numa carta de 1881 (6). Também noutra carta, recorda a história de Bescir: "O Turco que enviei ao Hospício dos Catecúmenos em Roma, porque o Papa mo concedeu, foi solenemente baptizado pelo Arcebispo de Colossi e na quinta-feira apresentei-o ao Papa. Tive uma audiência privada de uma hora e meia do Papa, sempre sentado à sua frente; e outra meia hora fiquei sozinho com ele e o Bescir turco e dois sacerdotes de Vicenza. O Papa tem no coração a África pobre, e abençoa todos e todas no Cairo e todo o Vicariato. Ficou também emocionado com a dedicação das nossas Irmãs da África Central" (7).

Comboni diz que foi obrigado a mandá-lo para Roma, mas por quem, porquê? Porque, como ele diz na mesma carta, "a pena de morte nunca foi tirada e ab-rogada contra

aqueles entre os muçulmanos que se tornam cristãos e contra aqueles que lhes administram o Baptismo". Em 1864 as coisas eram assim no Egito e no Sudão, politicamente sob o Egito. Em 1881, em Cartum, Daniele Comboni, agora já bispo, desafiou esta proibição e administrou publicamente o baptismo a vários jovens muçulmanos (8).

O encontro com o filho do sapateiro

Voltemos à história de Edgardo, através das palavras de Daniele Comboni (9): "Em 1864, quando estava em Roma depois da Beatificação da Alacoque (10), o E.mo Barnabò de p.m. instruiu-me para ir ao Hospício dos Catecúmenos (onde Bescir foi educado) para levar um jovem de Damasco convertido do islamismo (hoje é um senhor rico que vive em Londres) para o apresentar ao Papa Pio IX tendo já recebido o seu baptismo. Vou aos Hospício dos Catecúmenos e também lá encontro aquele pobre jovem sapateiro de 10 anos de idade que era judeu e tinha recebido o baptismo com Damasceno. O Reitor do hospício e eu entramos, com os dois sortudos convertidos, na carruagem do Monsenhor Jacobini, que era então prelado dos Catecúmenos e hoje é Cardeal Secretário de Estado de Leão XIII, que nos levou ao Papa. Voltamos, e Monsenhor Jacobini leva-me à Propaganda, onde tive de referir ao Cardeal Prefeito. Nesta ocasião conheci bem o jovem sapateiro do gueto, muito mais tosco e menos educado do que os sapateiros do nosso país, mas abençoado por se ter tornado cristão".

A história do jovem judeu estava, naqueles dias, nas bocas dos monsenhores de Roma por causa do pedido do Imperador Napoleão III ao Papa Pio IX, para entregar o rapaz à sua família. A história de Edgardo volta assim de novo à vida de Comboni, como ele reconta na mesma carta.

"No domingo seguinte, em Outubro, estive a almoçar com o Conde de Sartiges, Embaixador francês junto da Santa Sé na companhia do Barão Visconti, Comissário das Antiguidades, e de Dom Place, então Auditor da Rota Romana, então Bispo de Marselha e agora Arcebispo de Rennes. O Embaixador contou-nos como, em nome do Imperador Napoleão III, ele tinha estado em Pio IX, no dia anterior, comunicando-lhe que era desejo do Imperador que Sua Santidade mandasse entregar o jovem filho do sapateiro que tinha sido baptizado aos seus pais judeus, e que o Papa tinha respondido com um não decisivo e seco. Que disparate!' disse o Conde de Sartiges, 'que disparate! que fanatismo! o do Papa para negar ao Imperador uma pequena coisa! um sapateiro! é fanatismo! Isso é demasiado, para recusar ao Imperador francês uma coisa tão pequena! Não é bom: não é "não é política", etc.

Depois de o Comendador Visconti e Dom Place falarem e responderem para justificar o Papa, o embaixador dirigiu-se a mim e disse-me: "Et Vous, mon cher Abbé, que pensez-vous? Vous n'auriez pas fait ainsi". "Peço-vos perdão, meu caro Embaixador", respondi. E não vedes que o Papa é um perfeito imitador de Jesus Cristo que derramaria todo o seu sangue por uma só alma? Não vedes o espectáculo maravilhoso de um Papa que dá ao mundo uma esplêndida lição do que custa uma alma, pela qual o divino Redentor morreu? Parece-me, antes, ver neste acto sublime do Sumo Pontífice a poesia da nossa Santa Fé. Sim, a recusa da maior autoridade na terra ao imperador mais poderoso do mundo em não querer entregar o pobre filho do sapateiro hebreu, convertido ao cristianismo, é verdadeiramente um espectáculo sublime digno da admiração do universo. Esta espantosa coragem de Pio IX de rejeitar o pedido de Napoleão III de entregar um jovem sapateiro mostra a grandeza de espírito, o zelo apostólico e a

caridade sobre-humana do maior Papa da era moderna, que admiro, e que torna Pio IX' verdadeiramente sublime".

A resposta de Comboni não satisfaz inteiramente o Embaixador, mas não o faz perder o seu bom humor: "'Oh! como você é poeta, meu caro amigo!", disse o Embaixador a sorrir; e os outros aplaudiram a minha resposta", conclui Comboni. Esta cena, à mesa do embaixador francês, descrita desta forma, é digna de uma sequência de filme, mas não estou certo de que Bellocchio a possa incluir no guião do seu filme.

Poesia ou concreteza?

Para o missionário Daniel Comboni não é uma questão de ideologia, mas sim de concreteza, de capacidade de se jogar as próprias ideias na avaliação do caso individual, na acção concreta em favor de uma pessoa.

De África, Comboni relata esta memória do seu encontro com Edgardo, e o que significava para ele, numa carta ao Padre Giuseppe Sembianti, superior do seu instituto missionário em Verona e responsável pela formação dos candidatos, a sua admissão ou exclusão. Comboni contesta a decisão, tomada em Verona, de retirar do Instituto das Missionárias Combonianas a postulante Virginia Mansur, uma mulher árabe, antiga freira do Instituto de São José da Aparição e missionária em África vários anos, que queria tornar-se missionária comboniana.

A mensagem que Comboni quer dar a Sembianti é que, na Roma de Pio IX, o filho do sapateiro judeu é tratado melhor do que uma antiga freira árabe e missionária da África em Verona. De facto, é assim que termina a sua carta: "A partir disto conclua, meu caro Reitor, que em Roma Virginia, embora infeliz e uma pessoa sem valor, encontrará maior caridade do que a que encontrou em algumas partes do mundo" (11).

O idealismo do missionário sempre fez sorrir os defensores do politicamente correcto, aqueles que tendem a reduzir a realidade a dimensões ideológicas contrapostas. Na Roma do século XIX, como hoje, na afirmação dos vários fundamentalismos ideológicos e moralistas.

Para o missionário não é uma questão de ideologia, mas de concreteza, porque as ideias jogam a sua consistência no concreto da acção. No caso da mulher árabe, iluminada pela história da criança judia, Daniele Comboni joga, em defesa de uma única pessoa, de uma mulher, toda a sua visão missionária e reputação pessoal, escrevendo: "Tenho suado e sofrido para salvar brancos, negros, protestantes, turcos, infiéis, pecadores e prostitutas; tenho mendigado de Moscovo a Madrid, e de Dublin à Índia, para salvar negros e brancos, para promover a vocação de bons e menos bons, tenho feito bem a pessoas que depois me cuspiram na cara, e a jovens de bem; tenho mendigado e suado para alimentar pobres, infelizes, sacerdotes, frades, freiras, filhos legítimos e bastardos... e não suarei e intercederei por Virgínia, que foi uma das trabalhadoras mais valentes e fiéis na dura e difícil vinha de África?" (12).

Daniele Comboni e o Papa Pio IX, cada um à sua maneira, jogaram tudo por uma pessoa, partindo do que consideravam ser o maior bem dessa pessoa. Claro que nós, hoje, podemos continuar a discutir, em livros e filmes, se isto é legítimo, se o que é percebido como o bem maior da pessoa pode ser o único, último e supremo critério a ser seguido. Mas qualquer que seja a nossa posição, a capacidade de se jogar tudo por uma pessoa deve, no entanto e sempre, ser admirada como uma alta expressão de humanidade, para além dos aspectos ideológicos, ou política e religiosamente correcto, porque "quem salva uma pessoa salva a humanidade, o mundo inteiro" (13) - como dizem os

nossos irmãos judeus, uma declaração que é esclarecedora não só para eles, mas para todos nós.

Manuel Augusto Lopes Ferreira, mccj

Notas:

- (1) - La Repubblica del 20 luglio 2020, p. 28.
- (2) - Missionari Comboniani, fondati nel 1867; Missionarie Comboniane, fondate nel 1870.
- (3) - Vedere, per esempio, Manuale di Storia della Chiesa, Volume 4, Epoca Contemporanea, p. 63.
- (4) - Papa Francesco, Evangelii gaudium, numeri 20-24.
- (5) - Per conoscere la vicenda missionaria del Comboni, e la sua novità, vedere: Gianpaolo Romanato, Daniele Comboni, L’Africa degli Esploratori e dei Missionari, Rusconi, Milano 1998.
- (6) - Daniele Comboni, Scritti, lettera del 29 settembre 1881: “Ed è quel Bescir... che io fu costretto a mandare a Roma... e che fu messo nell’ospizio dei Catecumeni e dopo un mese fu battezzato, e poi condotto dal Santo Padre Leone XIII. Ora è qui a Khartoum, ottimo catechista nella missione e molto pio”.
- (7) - Daniele Comboni, Scritti 6128.
- (8) - Daniele Comboni, Lettera citata.
- (9) - Daniele Comboni, Scritti 7050-7054.
- (10) - Margherita Maria Alacoque (1647-1690), suora Visitandina francese, beatificata il 18 settembre 1864, a Roma, da Pio IX.
- (11) - Daniele Comboni, Scritti 7054.
- (12) - Daniele Comboni, Scritti 6580.
- (13) - Affermazione del Talmud di Babilonia. Citazione libera di un’affermazione di Itzhak Stern, nel film Schindler’s List.